

## KIERKEGAARD E FREIRE: A PRÁTICA EDUCATIVA EM CONJUNÇÃO COM A ÉTICA

PATRÍCIA SILVA SOUTO MAIOR

Graduada em Filosofia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
patriciassmaior@gmail.com

**Resumo:** O presente texto tem como objetivo expor e analisar o pensamento do filósofo dinamarquês, Soren Kierkegaard, e do educador brasileiro, Paulo Freire, acerca da prática educacional. Através de conceitos de ambos pensadores, podemos perceber claramente que eles evidenciam que a prática educacional deve ser exercida em comunhão com a Ética. Tanto para Kierkegaard, quanto para Freire, o mestre não pode se prestar ao papel de déspota, mas sim, de ocasião para o processo que envolve o conhecimento.

**Palavras-chave:** Educação. Ética. Indivíduo. Singularidade.

### 1 Introdução:

64

A educação é a atividade responsável por desvelar os meios possíveis para o aprimoramento do ser humano, é um processo de desenvolvimento, e a partir desse desenvolvimento, o ser pode inserir-se no mundo de forma inteira e consciente. É uma atividade plenamente cultural, é a garantia de que essa cultura dotada de historicidade vai ser transmitida pelas gerações seguintes. Educar pode servir como um dispositivo de domesticação, como se vê no método de transferência de conhecimentos, baseado e justificado através da lógica de dominação; como pode também ajudar o indivíduo a cultivar o seu espírito, a cuidar do seu ser através do saber, cuidar do seu ser e do trato com os demais.

Todos esses elementos fazem da educação uma ação prática, que se insere em uma realidade ética, pois o existente só se efetiva caso use a sua liberdade em comunhão com a ética que lhe é inerente. Contemporaneamente, seja pela crise de valores que a sociedade encara, seja para conferir *status* a certos discursos, muito vem se falando acerca dessa temática. A palavra “ética” é comumente usada em nosso vocabulário, mas o que ela é quer dizer? Seria a ética um fim a ser alcançado

através da ponderação acerca do que é justo? Seria a ética o respeito pelos hábitos e costumes? Ou algo útil para o bom funcionamento social? Enfim, várias são as posturas no que diz respeito ao estudo da ética.

Ética vem do termo grego *ethos*, significa literalmente morada/residência, assim, a ética é a morada do ser, diferencia-se da moral no sentido em que a ética não postula normas de conduta ou serve como um guia que dita às leis para agir, a ética busca a reflexão, o entendimento racional, não se contenta com princípios e dogmas que julgam e apontam o que é “bom/certo” e o “mau/errado”. A ação ética pressupõe o sentido de convivência e diálogo, é o modo de viver e conviver de forma justa e digna para todos os componentes da esfera social.

Partindo desse sentido dialógico, o que se pretende aqui, é trabalhar com dois pensadores que fundamentam a sua teoria em torno da existência, e dos problemas que a permeiam. O filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard e o pedagogo brasileiro Paulo Freire, apostam na construção de sujeitos dotados de discernimento e liberdade de escolha; apostam na edificação de Indivíduos capazes de se engajar, Indivíduos que se sublevem da condição de sujeitos imersos em uma totalidade que invalida a subjetividade, Indivíduos que criem a possibilidade de outras vias de existência. O presente texto tem como intento, evidenciar de acordo com a visão dos referidos autores, a atividade educativa como um exercício ético.

## **2 A educação compreendida enquanto uma prática ética:**

A construção cultural e histórica do assujeitamento, fundamentada ao longo da tradição intelectual da sociedade ocidental, acabou por silenciar e nulificar os seres humanos à margem do *status quo* vigente, seres que se encontram à deriva da sociedade tecnocrata regulada pela lei de mercado. Esta construção fez com que surgisse a classe dos invisíveis, dos que passam despercebidos, dos que presenciam diariamente a sua dignidade de existentes lhes ser negada e sua subjetividade suprimida pelos processos de subjetivação impostos pelos detentores do poder econômico e do poder midiático. Convencionou-se mediante um consentimento tacitamente legitimado, dizer na linguagem vulgar e corrente socialmente admitida, que a multidão é o povo, e o povo é a massa, mas de que “massa” estamos falando?

Com o termo massa, encontramos uma concepção ideológica habitualmente imbricada no seio social, de caráter pejorativo para com aqueles que representam a maioria, a grande parte da população que não compõe o grupo monetariamente favorecido da sociedade. Estamos falando da massa inercial, com um significado bastante próximo ao da física; essa massa, ao negar as subjetividades, as reduz a um só corpo, ao qual falta ação e movimento, as subjetividades tornam-se assim, homogêneas e inertes. Não vivemos na época feudalista, mas a hodierna configuração social se apresenta de forma similar a da sociedade de estamentos, claro que de forma menos perceptível e com os seus devidos mascaramentos, visto que estamos situados em um período de plena democracia, sistema que supõe a soberania popular.

Converter singularidades em um corpo unívoco é um ato de descaracterização que leva a impessoalidade, e esta por sua vez, gera a falta de compromisso e de responsabilidade diante da existência: “[...] tudo o que é impessoal e, portanto, mais ou menos livre de responsabilidade e de escrúpulos, é um factor de desmoralização [...] é uma das causas profundas da corrupção moderna [...]” (KIERKEGAARD, 1986, p.51). Se referir às pessoas em sua generalidade, é na maioria das vezes, descuidar do seu compromisso para com o outro, é se imiscuir de responsabilidade diante da realidade existencial do outro, tal qual a imprensa diária que lida com o banal se contentando com a transmissão de informações, quer elas lhes apresentem significância, quer não.

Afirmar que o povo representa a multidão é desvalorizar aqueles que estão unidos por um conjunto de tradições e princípios em comum, pois “[...] por toda parte onde se encontre a multidão, também lá se encontra a mentira [...]” (KIERKEGAARD, 1986, p.97). A mentira oficial é padronizar e uniformizar o conjunto dos indivíduos de uma nação em uma falsa consciência, que mesmo sendo consciência de algo, é uma consciência alienada e mantenedora das estruturas piramidais que existem no Brasil.

O povo não é a mentira, o povo não é a ilusão; ilusória é a justificativa de mérito para a acumulação de riquezas, engodo é se ocultar por trás da regulação financeira e da afirmação de uma sociedade que vive da produção intensiva de conhecimento e da exploração da força de trabalho; que se sustenta da usura em forma de lucro; da mais anti-ética das ações que é o abuso da concentração de rendas. Engodo é afirmar que todos têm a mesma oportunidade de ascensão

através da especialização; quando em sua concretude, tal política se configura como uma manobra para o aumento de produção e conseqüentemente o aumento do lucro com a maior dinamização de mercado, assim, a política neoliberal aposta na educação, mas somente como ferramenta para assegurar a lógica do capital:

[...] Esta é, na prática, a razão pela qual a economia competitiva globalizada aposta na educação básica de qualidade. Seu intento não é a cidadania (qualidade política), mas a competitividade [...] Aí reponta a nova face da pobreza: mais comprometedora que a carência material é a pobreza política, ou seja, a dificuldade extrema de organizar o próprio destino com autonomia mínima. (DEMO, 2005, pp.13-15)

A educação, falando especificamente do contexto brasileiro, sempre assumiu um caráter secundário, nunca foi alvo de políticas públicas eficazes que assegurassem o seu desenvolvimento. Dos jesuítas para cá pouco mudou. Continuamos nos colocando na posição de colonizados, valorando projetos educacionais estrangeiros, instituindo metodologias que acabam por não fazer sentido dentro do espaço cultural, histórico e político do nosso país; mesmo que em salas de aulas doutores em educação e em filosofia continuem elaborando retóricas maravilhosas sobre os prodígios da educação e a acentuada melhoria nos degraus da educação brasileira. Contudo, esses discursos são desmentidos na prática pelo enorme número de discentes que abandonam as salas de aula durante do período de formação; pela hipocrisia de um discurso de emancipação e por práticas autoritárias e centralizadoras. A ideologia e o mercado neoliberais operam em sintonia com um governo que se porta de maneira subserviente a política global, conseqüentemente a educação termina por também assumir o aspecto de globalidade.

Global ou não, a educação necessita ser entendida em conjunção com a ética, deve-se entender a “[...] ética inseparável da prática educativa [...]” (FREIRE, 1996, p.17), pois só assim, os agentes envolvidos podem encarar o seu processo de desenvolvimento educacional de forma deliberada e livre. A educação se circunscreve no campo da prática, e a prática deve andar em comunhão com a teoria, prática e teoria formam uma só realidade do saber, apresentam coerência. Aqui, compreendemos a educação como uma harmonização entre a atividade contemplativa e a atividade prática, de fato, não compartilhamos de uma visão dual da realidade, a educação é uma prática, é um movimento de construção; tal

movimento requer o entendimento da indissociabilidade entre o agir e o pensar, o que demanda responsabilidade.

A ética e a aposta no Indivíduo dotado de singularidade é o que une os autores aqui escolhidos, Kierkegaard e Paulo Freire não separam a existência da ética. Para ambos pensadores, a ética é o que confere dignidade ao existir humano. A ética que Soren Kierkegaard aborda, não é aquela compreendida no seu sentido corrente e usual, o pensador nos aponta a *segunda ética*<sup>1</sup>, ou seja, a ética pautada na responsabilidade, que considera a existência do “eu concreto” e valoriza o Indivíduo; tal concepção foge ao conceito puramente normativo e coercitivo.

Kierkegaard ao se referir à primeira ética diz que: “[...] Vale para Ética o que se diz da Lei, que é uma disciplinadora que, ao exigir, com sua exigência apenas julga, nada cria [...]” (KIERKEGAARD, 2010, p.19), contra esse tipo de ética que age de acordo com ditames, Kierkegaard propõe a segunda ética: “[...] a Ética da qual agora falamos pertence a uma outra ordem de coisas [...]” (KIERKEGAARD, 2010, p.22). A segunda ética, caracteriza-se principalmente por operar com possibilidades e não se portar como mera observadora, mas sim como um componente da existência que se efetua de forma real, não da existência que aspira a idealidade, que é puramente abstrata.

Freire apesar de nunca ter direcionado uma obra inteira para abordar a temática da ética, a menciona e a investiga em todos os seus escritos, para o autor, a ética é o que confere dignidade ao homem, por isso, ela deve ser tratada de forma absolutamente rigorosa. O fenômeno educativo está intrinsecamente ligado ao homem e a sua realidade existencial, assim, a ética não pode ser apartada da educação:

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais de que, desperta com relação à possibilidade de enveredar-se do descaminho do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. (FREIRE, 1996, p.16)

O educador brasileiro enxerga a ética em comunhão com a estética, de modo semelhante à compreensão da antiguidade clássica acerca da ética e da

<sup>1</sup> A distinção feita entre *primeira* e *segunda* é Ética, é amplamente explorada por Kierkegaard na Introdução de *O Conceito de Angústia*.



educação; Aristóteles, por exemplo, enxergava na arte poética, especialmente na tragédia, um instrumento didático. Para o Estagirita a tragédia ensinava a audiência a controlar os seus ímpetos, as suas emoções e paixões, os exemplos dados no decorrer do enredo, causavam um efeito catártico na platéia, e para ele a catarse é um importante meio de se atingir a moral: “[...] Tragédia, assim, é a imitação de uma ação séria, completa, que possui certa extensão, numa linguagem tornada agradável [...] fazendo experimentar a compaixão e o medo, visam à purgação desses sentimentos [...]” (ARISTÓTELES, 2011, p.49).

Aristóteles ainda compreendia a estética como algo válido para a boa formação do homem. Indo por uma via de interpretação ética diferente da proposta de Aristóteles, Freire, apesar de considerar a deliberação e a escolha, como os fatores basilares da ética, ao mesmo tempo não coaduna com a ideia de uma ética pautada pura e simplesmente na virtude humana, que busca ordenar a vontade através da razão. O educador também não lida com o *imperativo categórico*<sup>2</sup> kantiano, que encerra a ética em uma norma moral no reino humano da práxis. Paulo Freire se aproxima de Sartre quando este coloca que a ética não corresponde a uma moral estabelecida *a priori*:

[...] Quem pode decidir *a priori*? Ninguém. Nenhuma moral estabelecida tem uma resposta [...]. Nenhuma moral geral poderá indicar-lhe o caminho a seguir; não existem sinais no mundo [...] a realidade não existe a não ser na ação, aliás, vai mais longe: o homem nada mais é que o seu projeto; só existe na medida em que se realiza; não é nada além do conjunto de seus atos, nada mais que sua vida [...]. Não podemos decidir *a priori* o que devemos fazer [...]. O homem faz-se; ele não está pronto de início; ele se constrói escolhendo a sua moral [...]. (SARTRE, 1984, pp.10-18)

Como já sabemos, Sartre teve grande influência do pensamento kierkegaardiano, lhe fazendo referências explícitas, como quando trata da angústia em *O ser e o nada*. É bastante comum se referir a Kierkegaard como o “pai do existencialismo”, aqui, acreditamos que Kierkegaard, possibilitou a emergência de tal corrente filosófica, o pensador dinamarquês fecundou o solo para que o pensamento voltasse a se encontrar com o existência, sem no entanto, se encerrar em uma escola teórica.

<sup>2</sup> [...] *age apenas segundo a máxima pela qual possas ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal*. (KANT, 2009, p.215)

A ideia de homem enquanto ser inacabado é justamente o que vai nortear toda a proposta pedagógica de Paulo Freire, é esta a realidade antropológica do homem, ele está por fazer-se, em uma contínua construção: “[...] A consciência do mundo e a consciência de si inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca [...]” (FREIRE, 1996, p.23). O homem como acena Kant (*Sobre a Pedagogia*), é o único animal que necessita de ser educado; sempre lhe falta algo, o ser humano vive em conflito, tal conflito gera sua percepção de ser inconcluso; essa percepção fomenta a sede de saber sempre mais, de aperfeiçoar-se, de abrir-se para o mundo e para outro. A abertura do eu para o outro, é evidenciada através do diálogo, que para Freire, é a necessidade ontológica do ser humano:

[...] do ponto de vista humano, a necessidade de dialogar é tão grande que, quando o escritor está sozinho na biblioteca, olhando as folhas em branco à sua frente, precisa, pelo menos mentalmente, chegar até os possíveis leitores do livro [...] o escritor precisa conhecer e interagir com o remoto leitor que provavelmente lerá seu livro quando ele próprio talvez não mais exista. (FREIRE, SHOR, 1986, p.11)

Transpondo o exemplo para a sala de aula, com essa consciência de inacabado, o autor, no caso, o professor, se abre a novas experiências, se abre a produção conjunta de conhecimento com o seu aluno, sem a prepotência de tudo saber; descortina-se assim, um vasto horizonte para descobertas, para novos caminhos de acesso ao conhecimento. Os discentes e docentes entram em uma relação de mútua colaboração, promovendo e instigando o diálogo, rompendo com verticalidade da comunicação no espaço escolar, pois o professor interage com o discente, que por sua vez, vem carregado de conhecimento empírico, de vivências e visões próprias.

O docente não mostra sua competência apenas dominando os conteúdos curriculares obrigatórios, ele também se mostra competente ao promover os encontros capazes de mobilizar e afetar os sujeitos. A característica fundamental da prática educativa progressista, da pedagogia do possível, é propriamente o diálogo entre o professor e o aluno, ambos se configuram como sujeitos ativos na permanente construção do saber; o educador democrático sabe que não é dono do conhecimento, também sabe que não distingue tudo, esse educador reconhece que o educando é dotado de liberdade de ser e saber, é um sujeito social e histórico.

Já para Kierkegaard o que importa é o Indivíduo, o ser singular que se constitui como um existente efetivo, que escolhe, e age de forma responsável, livre e ética. O existente é livre porque age, e a tomada de decisão requer coragem, requer o *salto qualitativo*, que se concretiza mediante o processo de interiorização ou de edificação, pois para que o salto seja realizado, é requerido à assunção de compromisso diante da vida, não se escondendo covardemente por detrás da multidão, mas tomando partido, já que “[...] Um único atinge a meta [...]” (KIERKEGAARD, 1986, p.97). A tomada de decisão é sempre individual, pois enuncia a singularidade do existente, decidir é se responsabilizar diante da tarefa de construir o bem comum.

Muitas foram às acusações de que o pensador dinamarquês se baseava no solipsismo, que considerava que a única realidade do mundo era o seu *eu*. Preconceito que não possui fundamento, visto que, Kierkegaard afirma a inseparabilidade entre o Indivíduo e o gênero humano:

[...] o homem é *individuum* e, como tal, ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano, de maneira que a humanidade participa toda inteira do indivíduo, e o indivíduo participa de todo gênero humano. Se não sustentarmos isso, terminaremos por cair ou no singularismo [...] ou então no fantástico [...]. (KIERKEGAARD, 2010, p.30)

71

Le Blanc também nos acena que Kierkegaard entendia a existência como possibilidade, ou seja, para Kierkegaard, o homem está em *situação*, assim, pertence a um dado contexto, situado em um momento histórico determinado, imergido em uma cultura e sob a égide da lei; é este homem em situação, que é convidado a agir, a colocar-se “em jogo”, sair do eu para deliberar e atuar de forma engajada; colocar-se a serviço do outro, do não-eu:

O existir do homem é possibilidade. Entre os animais, a espécie é mais importante que o indivíduo. Sua relação com o mundo não se efetua sob o aspecto da *escolha*, mas da submissão às regras da espécie que, de certa maneira, escolhe por eles. Para o ser humano é diferente. Entre os homens, prevalece o indivíduo: a espécie não decide por ele, o indivíduo deve decidir por sua conta, sem escapatória. O homem não tem portanto uma existência especulativa, mas *concreta*, e é no confronto com os “possíveis” que ele dá forma à sua singularidade [...]. (LE BLANC, 2003, p.50)



Soren Kierkegaard, não escreveu nenhuma proposta pedagógica explícita, mas a sua preocupação com Indivíduo e a existência, nos acena um caminho possível para circunscrever Kierkegaard no âmbito educacional. É válido dizer, que em muito esse pensador serviu de inspiração para as mais variadas correntes pedagógicas que se baseiam num método não hierárquico; o próprio Freire foi indiretamente influenciado por Kierkegaard<sup>3</sup>, através da já confessa leitura de autores existencialistas; autores que herdaram de Kierkegaard a valoração da existência em sua forma engajada, da existência como possibilidade.

O filósofo dinamarquês também evidenciou o processo de verticalização e, dos jogos de interesse que perpassam o momento de aprendizagem, como quando o mestre censura a dúvida:

Aquele que duvida eleva-se acima daquele de quem aprende; e é por isso que não há nenhum sentimento que um professor deva reprovar mais no discípulo do que a dúvida. E, contudo, era a dúvida o que se desejava dele, era duvidando que deveria se preparar para ser filósofo [...]. (KIERKEGAARD, 2003, p.92)

Dessa maneira, a dúvida que Kierkegaard faz alusão, servia apenas para deixar o discurso do professor mais belo, mas quando ela realmente se efetuava por parte do discípulo, este era severamente criticado, reprovado.

Para Kierkegaard, o mestre é a ocasião do discípulo, é a oportunidade para que o discípulo realize seu percurso rumo ao saber; Kierkegaard não postula um ensino direto e permeado pela imposição, sua missão enquanto existente era a de tornar o outro atento, e para tal, era preciso nivelar-se ao outro, utilizar de recursos indiretos, como a pseudonímia, a ironia e o humor; sua missão era a de fazer “[...] quanto me for possível para evitar o erro.” (KIERKEGAARD, 1986, p.114). O homem suprimido pela multidão vive na ilusão, o Indivíduo para tornar o outro atento, deve trabalhar “[...] servindo o amor da verdade [...]” (KIERKEGAARD, 1986, p.39), e não o orgulhoso amor-próprio; ele deve entrar em interação com os demais seres humanos de forma humilde e despretensiosa.

<sup>3</sup> A ideia de que Kierkegaard teria influenciado de forma indireta a produção freiriana, é defendida pelo projeto de iniciação científica “Ética e Educação em Kierkegaard e Paulo Freire”. O projeto coordenado pelo pesquisador Jorge Miranda de Almeida, investiga as possíveis relações entre o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard com o educador brasileiro Paulo Freire, tendo em vista que Freire lança mão de importantes categorias do pensamento kierkegaardiano, tais como: alteridade, ética, responsabilidade e subjetividade.

Desconsiderando a relevante diferença de tempo histórico, podemos encontrar importantes confluências entre o pensamento do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, e o pedagogo brasileiro Paulo Freire. Principalmente no que toca a ética, visto que para ambos, a ética não pode ser apartada da existência, e a educação enquanto fenômeno humano, só é possível em sua plenitude ética e responsável. A leitura que Freire realizou de forma indireta do pensamento kierkegaardiano, certamente lhe inspirou um maior cuidado para com os educandos, lhe inspirou um olhar voltado para existência, para a importância da construção do Indivíduo como um relevante componente para a transformação da multidão assujeitada, em homens dotados de liberdade e engajamento.

O professor ajuda o estudante, mas o estudante também o auxilia: “[...] ajudar não é dominar, mas servir [...] ajudar não é mostrar uma extrema ambição, mas uma extrema paciência [...]” (KIERKEGAARD, 1986, p.41). Entende-se nesse trabalho que a ajuda e o auxílio são mútuos, a produção do saber, confere dignidade a pessoa humana, mas esse saber deve ser produzido em conjunção entre todos os agentes envolvidos no seu desenrolar; a força disruptiva do conhecimento advém da força dos sujeitos que o constroem.

### **3 Considerações finais:**

A questão da eticidade na educação não pode ser reduzida a essas poucas páginas, visto que é uma problemática ampla, que deve ser tratada de forma zelosa e processual. Perceber-se como ser constituído de valores, sejam estes, conscientes ou não, é o primeiro passo para a investigação de até onde esses valores nos definem e até mesmo nos limitam; assim, engajar-se eticamente não é introjetar preceitos morais e propagá-los sem deliberação e ponderação. Assumir uma postura ética requer o compromisso diante da própria existência, requer a assunção da própria liberdade, que serve como guia na hora de decidir.

A educação e o seu espaço de convívio intersubjetivo promovem o encontro do eu com o outro; do eu livre que escolhe, com o outro, que como eu, também é livre e capacitado a escolher; encontro que requer o respeito. O homem em relação é uma importante herança do pensamento kierkegaardiano para contemporaneidade, é uma potência, pois levando em consideração que o homem

está sempre por tornar-se, e não se encerra na síntese, há sempre possibilidade. Nada mais coerente que tratar a educação como uma possibilidade, logo, nada mais coerente que conclamar um diálogo do pensador danês com a esfera educacional.

Freire e Kierkegaard nos desvelam novas possibilidades para se pensar a educação e todos que nela estão direta ou indiretamente envolvidos; os autores trazem o elemento da coexistência para dentro do diálogo, acreditam no movimento, na liberdade e na capacidade de autodeterminação, no engajamento voluntário e deliberado. Rompendo, assim, com a lógica da hierarquia arbitrária que nega a plena discussão de idéias e saberes, para conclamar um entendimento marcado pelo respeito mútuo.

### **Referências:**

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Edipro, 2011.

DEMO, Pedro. **A educação do futuro e o futuro da educação**. Campinas: Autores Associados, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia- saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. São Paulo: Discurso Editorial: Barcarolla, 2009.

KIERKEGAARD, Soren. **É preciso duvidar de tudo**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **O conceito de angústia**. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Lisboa: Edições 70, 1986.

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Coleção "Os Pensadores"- Ed. Abril, 1984.